

## Representação dos Mitos do Estupro na Minissérie *Justiça*<sup>1</sup>

Gêsa CAVALCANTI<sup>2</sup>

Universidade Federal de Pernambuco, UFPE

### RESUMO

Analizamos neste artigo a forma como a representação televisiva de casos de estupros podem reforçar ou desconstruir mitos relacionados à Cultura do Estupro. Para isso, discutimos aqui os principais mitos, determinados então como unidades de conteúdo na interpretação da narrativa de estupro da personagem Débora da série televisiva brasileira *Justiça*, exibida pela Rede Globo em 2016.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura do Estupro, Ficção Seriada, Representação, Televisão.

### INTRODUÇÃO

A pesquisa “Tolerância Social à Violência Contra às Mulheres”, realizada pelo Ipea (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas) em 2014, mostrou dados alarmantes sobre o modo como a população brasileira interpreta casos de estupro: 58,5% dos entrevistados acreditam que “se as mulheres soubessem como se comportar haveria menos estupro”, 25% concordam com a ideia de que “mulheres que usam roupas que mostram o corpo **merecem** ser estupradas”. Dados como esses, somados ao crescimento do número de estupros por todo o país, bem como a repercussão de casos notórios, como o estupro coletivo que aconteceu no Rio de Janeiro em 2016<sup>3</sup>, evidenciam a necessidade de discutir a chamada Cultura do Estupro.

O termo, que surgiu junto com a segunda onda do movimento feminista nos EUA nos anos 70, pode parecer problemático em um primeiro contato. Em parte, como afirma Harding (2015), porque pode soar extremista falar da existência de toda uma cultura que naturaliza o estupro e silencia suas vítimas. Afinal de contas, não retorçemos todos os nossos narizes e consideramos estupros como um crime hediondo?

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 4 –Comunicação Audiovisual do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

<sup>2</sup> Publicitária e mestra pelo PPGCOM (Programa de Pós-Graduação em Comunicação) da UFPE. E-mail: [gesakarla@hotmail.com](mailto:gesakarla@hotmail.com)

<sup>3</sup> Em maio de 2016, uma adolescente de 16 anos foi estuprada por mais de 30 homens em uma comunidade da Zona Oeste do Rio de Janeiro. O crime foi filmado por alguns dos abusadores e as imagens veiculadas na internet.

Não exatamente. Nesse trabalho, apresentamos argumentos que apontam para a existência de uma cultura do estupro – mesmo com o sentimento de que isso não deveria ser necessário – e analisamos o papel da mídia no reforço ou desconstrução dos mitos que constituem e fortalecem essa cultura. Veremos a seguir, que o termo vai se tornando menos exagerado na medida que nos aproximamos dos mitos, descrenças e abusos que envolvem os procedimentos através dos quais a naturalização e concessões a esse crime vão sendo feitas.

Para isso, embora abordemos ainda outras representações advindas de outros programas de ficção seriada, nosso foco é o modo como a minissérie brasileira *Justiça* (produzida e exibida pela rede Globo em 2016) se relaciona com os principais mitos da cultura do estupro, usando como base uma metodologia descritiva e os sete principais mitos da cultura do estupro, do qual falaremos a seguir. Aqui, cabe ainda, apontar o porquê da escolha de *Justiça* quando, tão facilmente, podemos encontrar várias outras narrativas que representam o estupro. Temos duas principais razões, a primeira delas é a repercussão da série, que obteve altos índices de audiência (tanto quando falamos da medição tradicional quanto dos números das redes sociais), a segunda delas é o fato que o estupro na trama da personagem é a narrativa principal e não um recurso secundário.

## **CULTURA DO ESTUPRO**

O termo cultura do estupro surge para falar da normalização de atos de violência sexual. Buchwald, Fletcher e Roth (2005) a definem como um complexo de crenças que encorajam agressão sexual e dão suporte à violência contra mulheres<sup>4</sup>, “violência é vista como sexy e sexualidade como violência” (BUCHWALD, FLETCHER, ROTH, 2005, p. XI). Mas se o estupro é crime, alguém pode questionar, como é possível falar em encorajamento? Como é possível falar em naturalização? Como afirmam Lara (et. al 2016), não é porque o estupro é criminalizado que a cultura do estupro deixa de existir. Isso acontece porque parece existir uma espécie de “espectro do aceitável” quando falamos de estupro, esse espectro faz com que nem todo estupro seja interpretado como abominável, ou mesmo criminoso, aos olhos da nossa sociedade.

---

<sup>4</sup> Talvez seja necessário deixar claro que o estupro não acontece apenas com mulheres, e que quando o feminismo fala sobre a cultura do estupro não está dizendo que as mulheres são mais importantes que qualquer outra vítima, e sim que nós (mulheres) somos o “alvo principal das mensagens e mitos que sustentam a cultura do estupro” (HARDING, 2015 p.5), que somos também o alvo principal deste tipo específico de crime.

Esse espectro é reforçado pelos chamados mitos do estupro (*rape myths*), termo que tem suas origens no movimento feminista por volta dos anos setenta e vem sendo refinado por cientistas sociais desde então. Vamos falar aqui de questões que envolvem a cultura do estupro com base nos seus principais mitos, optamos por tal lógica por duas razões: 1) Tentar mostrar os mecanismos através dos quais essa cultura funciona; 2) Usaremos esses mitos como unidades de análise no procedimento metodológico desse trabalho.

Sobre os mitos, interessa dizer que, embora variem entre sociedades e culturas, existe um padrão: “eles culpam a vítima pelo estupro, expressam uma descrença nas acusações de estupro, exoneram o culpado e passam a ideia de que apenas um certo tipo de mulheres é estuprado” (GRUNB, EMILY, 2012). Payne, Lonsway e Fitzgerald (1999 apud: Harding, 2015) expandiram e organizaram essas quatro categorias em sete mitos: 1) Ela pediu por isso; 2) Não foi de fato um estupro; 3) Ele não teve a intenção de fazer isso; 4) Ela queria; 5) Ela está mentindo; 6) Estupro é algo trivial; 7) Estupro é um evento desviante

**1) Ela pediu por isso:** Pernambuco registrou entre janeiro e agosto de 2016 uma média de quatro estupros por dia, aproximando-se da média nacional. Frente à incapacidade do Estado incapaz de reduzir os índices de violência sexual, o Governador do Estado, Paulo Câmara, ao falar sobre as estatísticas, orientou que as mulheres seguissem as orientações passadas pela PMPE (Polícia Militar de Pernambuco). A nota da PMPE dava dicas para que as mulheres evitassem ser estupradas, entre elas: evitar o consumo exagerado de bebida alcoólica, evitar andar sozinha ou com pessoas pouco conhecidas, evitar a exposição em redes sociais, etc. Esse caso é um exemplo do modo como o ponteiro da responsabilização é facilmente ajustado para a possível vítima e não para quem comete o crime. Mas o erro não é exclusivo do governo do Estado pernambucano, em “*Asking For It: The alarming rise of rape culture and what we can do about it*” Kate Harding dedica um capítulo inteiro às dicas de segurança que nós, mulheres, recebemos o tempo todo, das mais diversas fontes. Sobre a questão, ela afirma:

Há algo de errado em agir como se fosse perfeitamente sensato dizer às mulheres para que elas não bebam em excesso – e, que quando estiverem bebendo (moderadamente), não tirem os olhos de suas bebidas – e que não andem sozinhas a noite, que, definitivamente, não viagem sozinhas, que não usem fones de

ouvido enquanto caminham ou que tranquem seus carros ao se aproximar de um sinal vermelho. (HARDING, 2015 p.31, tradução nossa)

É possível argumentar que essas dicas são boas para que qualquer pessoa, independente de gênero se proteja, mas a grande questão é: Por que elas são apenas direcionadas às mulheres? Disseminar a noção de que se as mulheres controlarem seu comportamento, sua aparência ou qualquer outra coisa, elas estarão seguras não ajuda as mulheres, isso apenas tira o ônus do resto da sociedade e mantém o foco no que a vítima, supostamente, fez de errado.

2) **Não foi de fato um estupro:** No décimo segundo episódio da segunda temporada de *Mad Men*<sup>5</sup>, a personagem Joan foi estuprada pelo noivo enquanto ele fazia uma visita na agência na qual ela trabalhava. Na cena, fica claro que ela não consentiu o sexo, ainda assim, o homem a joga no chão e ignora o fato de que ela disse não várias vezes, bem como suas tentativas físicas de impedir o ato. Ainda assim, a audiência não parece ter entendido o acontecido como um estupro. Em uma entrevista, a atriz que interpreta Joan contou sobre como as pessoas falavam da cena dizendo algo como “Você sabe aquele episódio no qual a Joana **meio** que foi estuprada?” ou então usavam aspas ao falar a palavra estupro. Poderíamos seguir com vários outros exemplos semelhantes, situações nas quais o estupro não foi interpretado exatamente como um estupro e mais como uma divergência, um desentendimento.

O mito em questão, “não foi de fato um estupro”, está associado a estupros cometidos por pessoas com as quais as vítimas já tenham se relacionado anteriormente ou com as quais flertaram, etc. E ainda mulheres que não se enquadram como vítimas inquestionáveis. O caso de *Mad Men* cabe aqui perfeitamente porque a vítima não estava dizendo que não queria fazer sexo com o noivo, ela estava dizendo “aqui não (...) Greg, não. Esse aqui é o meu local de trabalho” e isso não torna o caso menos estupro. Além disso, Joan é uma mulher apresentada como sexualmente ativa, sexy e quando as mulheres não são “recatas e do lar” a noção de estupro parece não funcionar muito bem, socialmente falando. Pesa nesse sentido, o fato de que:

“A noção de honra e desonra por muito tempo impregnou a legislação concernente ao estupro. Ainda nessa época, prostitutas (estereótipo social de mulher sem honra) e escravas (que nem mesmo eram consideradas mulheres, mas fêmeas no sentido animalesco do termo) não tinha o direito de não serem

<sup>5</sup> *Mad Men* foi uma série de televisão dramática americana criada e produzida por Matthew Weiner e exibida pela AMC entre 2007 e 2015.

estupradas e as mulheres que tinham, precisam comprovar que foram ‘verdadeiramente forçadas’ (LARA et. al 2016 p.167).

**3) Ele não teve a intenção de fazer isso:** Esse mito propaga a ideia de que o estupro foi um mal-entendido, um acidente, que só aconteceu porque o cara estava muito excitado e não pode se controlar ou porque estava bêbado. Ao falar disso, Harding (2015) pontua que a situação é mais complicada do que um mal-entendido, a maioria dos homens que estupram, fazem isso mais de uma vez.

**4) Ela queria:** Esse mito representa a ideia de que, no fundo, a vítima queria aquilo. Que um não, significa um talvez e que talvez equivale a um sim. Um exemplo da execução desse mito é a infame e celebre frase Donald Trump, atual presidente dos EUA:

“Eu sou automaticamente atraído pela beleza [mulheres bonitas]. Apenas comece beijando-as. É como um ímã. Apenas beije. Eu nem mesmo espero. E quando você é uma estrela elas deixam você fazer isso. Você pode fazer qualquer coisa.... Pegue-as pela vagina. Você pode fazer qualquer coisa”<sup>6</sup>

**5) Ela está mentindo:** De acordo com Harding (2015) esse é o único dos mitos relacionados ao estupro que possui um pouco de verdade. Isso se deve ao fato de que, como pontua Finley (2016), estatísticas do FBI sugerem que algo entre 2 e 8% das acusações de estupro podem ser falas, o que não é muito diferente os outros crimes. Embora essa estatística não seja suficiente para fazer com que assumíssemos sempre uma posição de descrença com as vítimas, esse é um dos mitos mais recorrentes na cultura do estupro. A ideia de que as mulheres mentem sobre o estupro “para se vingar de homens que traem, ou punir aqueles que não ligam depois de um encontro ou para minimizar a vergonha que sentem por terem dito sim” é extremamente difundida.

**6) Estupro é algo trivial:** Aqui, novamente, a questão de honra e desonra, pureza e impureza são evocadas. Esse mito considera que o estupro não é um problema tão grande quanto as feministas querem fazer parecer, ou que ser estuprada não é tão ruim quanto ser assaltada ou espancada, e ainda que se uma mulher não é virgem, então não deve ser nada demais quando alguém a força a ter relações sexuais:

<sup>6</sup> "I'm automatically attracted to beautiful [women]—I just start kissing them. It's like a magnet. Just kiss. I don't even wait. And when you're a star they let you do it. You can do anything ... Grab them by the pussy. You can do anything."

---

“Se ele não te bateu ou segurou uma faca contra você, se ele não te sequestrou nem roubou nada, se o seu hímen já estava rompido... o que é estupro além de alguns poucos minutos desconfortáveis? Com certeza, você não pode mandar um homem para cadeia por isso?” (HARDING, 2015 p.12, tradução nossa)

**7) Estupro é um evento desviante:** O último dos mitos contradiz o anterior, em vez de considerar o estupro como algo comum, negando assim a existência de uma cultura do estupro, ele dissemina a ideia é de que “estupros quase nunca acontecem, e que são apenas cometidos por pessoas monstruosas que possuem doenças mentais” (HARDING, 2015 p.25). Isso obviamente não é verdade: Segundo o Ipea (2015) 11 mulheres são violentadas por minuto no Brasil e 70% dos estupros são cometidos por parentes, namorados ou amigos/conhecidos da vítima.

## O PAPEL DA TELEVISÃO

Pontuados os principais mitos da cultura do estupro, nos ocupamos agora do papel da televisão na disseminação dos mesmos. Antes de mais nada, é preciso considerar que os produtos culturais possuem impacto no tecido social, e que embora, como afirma Cuklanz (1999), a relação existente entre televisão e mudança social seja complexa e apenas parcialmente entendida, podemos afirmar que o recorte que se faz de algo midiaticamente, a imagem construída sobre um objeto ou uma temática, pode determinar “quem ascende, quem desce, quem é incluído, quem é excluído, (HALL, 2015 p.10), o que é reforçado, o que é desconstruído. Isso acontece porque, como colocado Fairlough (2001), porque os discursos veiculados não só representam entidades e relações sociais, eles também fazem parte do processo de construção e constituição dos mesmos, reforçam aqui o argumento Faria e Fernandes (2007), ao afirmarem que a televisão não é o espaço da narrativa do real, e sim da construção do real.

Dessa forma, as representações de casos de estupros podem ser problematizadoras e capazes de mudança, mas também podem ser parte do problema, e é importante pensar nelas considerando o quanto elas tornaram-se parte da composição das narrativas que recebemos diariamente. Vários filmes, seriados e novelas abordam o estupro, vários deles usam esse crime como recurso para movimentar a trama. A representação de cenas de violência contra mulher era tão recorrente que o termo *Women in refrigerators* foi criado, no final da década de 90, para falar, segundo Rodrigues, Menezes e Bandeira (2015), do descarte de personagens femininos das

tiragens de revistas em quadrinhos em benefício do plot. Em um espectro mais amplo, o termo continua, até hoje, sendo usado para falar de situações nas quais uma personagem feminina é morta, estuprada ou incapacitada com propósito de afetar ou motivar um personagem masculino.

O que vimos até aqui, é que nem mesmo na televisão as mulheres estão seguras. Só em *Game of Thrones*<sup>7</sup>, por exemplo, três personagens principais são estupradas, isso sem contar as personagens secundárias e as várias menções a violência sexual que a série parece utilizar com o intuito de apenas chocar a audiência, sem nenhum compromisso com as consequências emocionais, psicológicas e sociais que o estupro causa nas vítimas. E pior, sem nenhum compromisso com o mal que podem estar causando ao favorecer de alguma forma a cultura do estupro, essas produções oferecem más representações, fazem piadas envolvendo estupro, séries como *2 Broke Girls*<sup>8</sup>, *Family Guy*<sup>9</sup> e *30 Rock*<sup>10</sup> recorrentemente, usam o estupro como pauta para piadas. Em *2 Broke Girls*, a personagem Max faz constantemente, pelo menos na primeira temporada, piadas que envolvem estupro, um exemplo é quando ela fala que não chamaria um homem de estupro se ele fosse “um gato”. *Family Guy* tem até mesmo uma música chamada “*The rapist song*” (*Hope and rape, can she take it? It’s only rape if she doesn’t consent/ yeah! / It’s not about sex, it’s about power*). A última frase ironiza um recorrente argumento utilizado pelo feminismo para falar de estupro, a ideia de que o crime não é sobre sexo e sim sobre poder e domínio masculino.

O seriado *Twin Peaks*<sup>11</sup>, por exemplo, é considerado um clássico da televisão por sua abordagem narrativa complexa e sucesso de audiência, mas é preciso considerar o modo como a adolescente Laura Palmer, vítima na série, (encontrada morta, nua e enrolada em plástico) é representada. Para Ahlf (2013) a série é um ótimo exemplo de como a cultura do estupro é bem reproduzida pela mídia de massa, essa afirmação se dirige, principalmente, ao modo como *Twin Peaks* sugere que a vítima deu ao seu

<sup>7</sup> *Game of Thrones* é um seriado televisivo produzido pelo canal norte americano HBO que foi ao ar pela primeira em abril de 2011, a série é baseada nos livros *As Crônicas do Gelo e Fogo* do autor George R. R. Martin, e narra as várias batalhas, acontecimentos relacionadas a luta pelo trono de ferro de Westeros.

<sup>8</sup> *2 Broke Girls* é uma série de televisão norte-americana que estreou na CBS em 2011 e que atualmente está em sua sexta temporada. A série segue as aventuras das colegas de quarto Max e Caroline, financeiramente pobres, que se esforçam para iniciar um negócio de cupcakes na área de Williamsburg, no Brooklyn, Nova York.

<sup>9</sup> *Family Guy* é um sitcom de animação norte-americana criada por Seth MacFarlane para a Fox Broadcasting Company. A série, atualmente em sua 15ª temporada, está no ar desde 1999.

<sup>10</sup> *30 Rock* é uma série de televisão norte-americana de comédia de situação criada pela atriz Tina Fey e exibida pela NBC. A transmissão original da série se deu entre outubro de 2006 e janeiro de 2013.

<sup>11</sup> Criada Mark Frost e David Lynch, a série segue a investigação do agente do FBI Dale Cooper sobre o assassinato da popular estudante de colegial Laura Palmer. A série teve duas temporadas exibidas no começo da década de 90.

estuprador a oportunidade (“ela pediu por isso”) quando se envolveu com atividades ilegais e perigosas, isso favorece que a audiência culpe a adolescente por seu estupro e assassinato.

Existem, no entanto, algumas séries que fizeram um bom trabalho na representação de casos de estupro. Um exemplo é *Switched at a Birth*<sup>12</sup>. No quarto episódio da quinta temporada a personagem Bay acorda na cama com seu ex-namorado depois de apagar durante uma festa na noite anterior. Ela deixa o local imediatamente preocupada com a possibilidade de ter traído seu namorado, mas depois de um tempo começa a pensar no que aconteceu na noite anterior e percebe que há algo de errado naquilo tudo, embora ela não saiba exatamente porque está se sentindo mal.

Bay compartilha o acontecido com a mãe, mas sem dizer que ela é a mulher em questão. Na cena vemos a mãe de Bay sendo clara sobre como aquilo que aconteceu com a suposta amiga de Bay foi um estupro “Se ela estava tão bêbada ao ponto de não conseguir se lembrar de anda, então ela não consentiu (...) e caso ela tenha dito sim, e quando disse estava bêbada, o cara não deveria ter transado com ela”. Ainda se sentindo culpada pelo aconteceu, ela fala ainda com amigos e, finalmente, decide reportar o ex-namorado como estuprador para autoridades escolares, o que termina com expulsão dele. O modo como a personagem vai processando o acontecido, os diálogos, a resolução, e o acerto ao não tratar das exceções, mas de um tipo de estupro recorrente (campus rape<sup>13</sup>) são exemplares.

## JUSTIÇA

A minissérie *Justiça*, produzida e exibida pela Rede Globo entre agosto e setembro de 2016 (totalizando vinte episódios) contou quatro histórias - ambientadas na mesma cidade (Recife) e no mesmo tempo - que giram em torno da ideia de justiça. Essas histórias questionam a capacidade do sistema judiciário de reparar danos com suas penas, a integridade do processo, e até mesmo dos agentes da lei, abordando ainda a relação entre a justiça e a vingança. Cada uma das tramas foi exibida, de forma

<sup>12</sup> *Switched at Birth* é uma série televisiva americana de drama adolescente/familiar que é exibida pela Freeform (anteriormente ABC Family) desde 2011. A série gira em torno de duas adolescentes que foram trocadas quando nascidas e cresceram em ambientes muito diferentes. *Switched at Birth* é a primeira série da televisão broadcasting a ter diversos deficientes auditivos no elenco.

<sup>13</sup> 1,2% de todos os estudantes sofrem estupro ou agressão sexual por força física, violência ou incapacitação (entre todos os estudantes de graduação e de graduação). Entre estudantes graduados e profissionais, 8,8% das mulheres e 2,2% dos homens experimentam estupro ou agressão sexual por força física, violência ou incapacitação. Entre os estudantes de graduação, 23,1% das mulheres e 5,4% dos homens experimentam estupro ou agressão sexual por força física, violência ou incapacitação.




sequencial, em um determinado dia da semana. Nas segundas-feiras, por exemplo, contou-se a história de Vicente que passou sete anos na cadeia após assassinar a noiva, liberto ele tenta conseguir o perdão da ex-sogra e seguir sua vida com família que construiu enquanto esteve preso. Apesar das histórias se desenrolarem de forma independente, elas se cruzavam em determinados momentos.

O foco desse estudo é na trama exibida nas quintas-feiras, que aborda duas principais questões: preconceito racial e estupro, contando a história de Rose e Débora, melhores amigas desde a infância, a primeira é presa com drogas, enquanto a segunda é liberada, claramente por questões raciais. Após este fato, Débora é estuprada e quando reencontra a amiga -sete anos mais tarde, um ano depois de seu estupro enquanto ela as consequências emocionais e físicas do estupro, - elas partem em busca do homem que a violentou.

Cabe ainda comentar um pouco sobre a cena de estupro que é representada três vezes na trama. Na primeira delas, vemos Débora -de dia e durante um bloco carnavalesco pelas ruas de Recife –se afastar para fumar. Pouco depois de entrar em um beco, ela é abordada por um homem, deduzindo ser um assalto ela pede para que ele leve qualquer coisa contanto que não a machuque. O homem deixa claro que não quer dinheiro “eu não sou ladrão não dona”, ele arrasta Débora para um lugar mais reservado, a espanca e a estupra. É uma cena violenta, o acerto de *Justiça* é em afastar aquele ato violento da ideia de sexo, a finalidade não é de prazer, pois, embora o estuprador faça questão de dizer “finge que tá gostando ou isso não vai acabar”, sua pontuação apenas deixa claro o quanto aquilo é sobre poder, controle. A expressão no rosto de Débora é sempre de dor, desespero. Em outro trabalho, observamos a atitude dos telespectadores em torno da cena e percebemos que a maioria deles afirmaram que a cena fora muito forte, repulsiva, e ainda assim, majoritariamente, elogiaram a atuação, a necessidade de mostrar o ocorrido e afirmaram que a cena estava muito próxima da realidade.

A segunda representação é descritiva. Débora está presa no elevador conversando com Marcelo (seu marido) sobre seu desejo de encontrar o estuprador e fazer *Justiça*, tentando explicar ao marido que se mostra extremamente contrário à ideia. Na imagem a seguir (Figura) 01, pode ser lida a transcrição de parte da cena.

Figura 01 – Transcrição de diálogo entre Débora e Marcelo.



**CENA: DÉBORA E MARCELO, ELEVADOR**

**DÉBORA**

Eu queria tanto que tu entendesse, mas eu não consigo explicar. Porque a ordem natural é essa, né? Deixa pra lá, esquece, não fala desse assunto, mas não dá pra esquecer. Eu lembro de cada detalhe, de tudo. A blusa verde dele, a bermuda jeans, tinha uma poça de água assim do meu lado, o teto descascado. Eu desmaie no primeiro soco e quando eu acordei ele já tinha tirado a minha calcinha ele me batia na cara e pedia pra fingir que tava gostando, tudo que eu queria era esquecer, era mudar de cidade, mudar de país, morrer, qualquer coisa... mas eu não consigo. E se eu tenho como achar ele, seja porque Rose tá me ajudando, seja porque... eu não vou perder essa chance.  
 (...)

**DÉBORA**

Eu não quero me separar de tu.

**MARCELO**

Eu topo qualquer coisa com você. Mudar de cidade (...) mas eu não vou procurar esse cara contigo.

**DÉBORA**

Eu não quero mais mentir pra tu, a verdade é que eu não vou desistir de encontrar o homem que me estuprou.

Fonte: elaborado pela autora

A cena de estupro é exibida novamente quando Débora confronta Oswaldo, o homem que a estuprou, mas dessa vez pelo ponto de vista dele. Nesse momento, novamente, há um cuidado em mostrar o sofrimento da vítima e não o prazer do homem, mesmo da perspectiva dele o estupro não é erotizado.

## MITOS DO ESTUPRO EM JUSTIÇA

Poucas pesquisas analisam a presença desses mitos na programação televisiva, e aquelas que abordam, nos mostram que os mitos prevalecem na representação. Um exemplo disso é o estudo realizado por Brinson (1990, 1992). A autora observou em sua pesquisa a narrativa de vinte e seis programas televisivos que faziam referência ao estupro. Analisando-as, percebeu que 46% das histórias sugeriam que as vítimas “pediram por isso”, 42% sugeriam que a vítima queria ser estuprada e 38% sugeriam que ela estava mentindo. Brinson (1990) argumenta que os mitos do estupro são evocados e articulados com mais frequência que qualquer desconstrução da cultura do estupro. De fato, entre o material analisado pela autora apenas “38% das narrativas

continham qualquer oposição para o mito de que a vítima estava pedindo por isso” (HARDING, 2015 p.177).

Aqui, partimos da mesma lógica empregada pela autora para analisar as cenas de Justiça, buscamos então a presença/ausência de cada um dos setes mitos já apresentados. Na tabela a seguir, relembramos os mitos já citados, explicamos como eles funcionam e indicamos a presença ou ausência dos mesmos em *Justiça*.

Tabela 1 - Presença dos Mitos do Estupro em Justiça

<b>MITO</b>	<b>COMO FUNCIONA</b>	<b>PRESEÇA EM JUSTIÇA</b>
Ela pediu por isso.	As causas do estupro são deslocadas do estuprador para a vítima. Esse mito afirma que mulheres que se vestem, agem, se comportam de uma determinada forma merecem ser estupradas.	Parcialmente presente.
Não foi de fato estupro	Esse mito normalmente está associado a casos de estupro cometidos por pessoas com as quais a vítima já tenha se relacionado anteriormente ou quando a vítima não se enquadra como vítima inquestionável.	Ausente
Ele não quis fazer isso	Propaga a ideia de que o estupro foi um mal-entendido, um acidente.	Ausente
Ela queria.	Representa a ideia de que “no fundo, a vítima queria aquilo”	Ausente
Ela está mentindo.	Esse mito afirma que as mulheres mentem o tempo todo sobre terem sido estupradas (...), que elas usam essa afirmação como forma de se vingar de homens que traem, que as ignoram ou para acobertarem a vergonha que sentem por terem dito sim (HARDING, 2015 p.25)	Ausente
Estupro é algo trivial	Esse mito dissemina a ideia de que o estupro não é um problema tão grande como as feministas querem que pareça, ou que ser estuprada não é tão ruim quanto ser assaltada ou espancada, e ainda que se uma mulher não é virgem, então não deve ser nada demais quando alguém a força a ter relações sexuais.	Ausente
Estupro é um evento desviante.	É a ideia de que o estupro é algo incomum, cometido apenas por monstros com problemas psicológicos e não por pessoas conhecidas da vítima.	Parcialmente presente

Fonte: autora.

O primeiro dos mitos, “Ela pediu por isso”, está parcialmente presente em Justiça. Isso porque, há um cuidado com determinados aspectos. Em *Justiça*, Débora é estuprada em plena luz do dia - como afirma Dworkin (1984) quando uma mulher anda sozinha a noite, ela não apenas corre o risco de ser abusada, ela, de acordo com os valores da dominação masculina, está pedindo por isso - e durante um bloco de

carnaval. É importante ressaltar que o carnaval funciona aqui como um elemento neutralizador para observações sobre o comportamento ou vestimenta da vítima. Ainda assim, Débora se afasta sozinha para um beco vazio o que abre espaço para a interpretação de culpabilização.

O segundo e o terceiro mito (“Não foi estupro” e “Ele não quis fazer isso”) não são discutidos, pois, normalmente, estão apenas presentes quando o estupro é alguém conhecido da vítima (Ver mito 7).

O mito 4 (“Ela queria”) é, talvez, um dos mais importantes do ponto de vista da representação da cena do estupro. Em outras telenovelas da Rede Globo, como, por exemplo, *Ligações Perigosas*<sup>14</sup>, a emissora reforçou a ideia de que as mulheres se sentem excitadas quando são forçadas a fazer sexo. Em *Justiça*, como já anteriormente comentado, a cena não erotiza o crime.

O mito cinco é relacionado a veracidade da acusação feita pela vítima de estupro. Na série, Débora não é questionada sobre ter ou não sido estuprada. Porém, esse mito propaga ainda a ideia de que mulheres que alegam terem sido estupradas possuem problemas emocionais, e Débora, em diversos momentos, como já comentamos, é apresentada como mentirosa e emocionalmente desestabilizada. No entanto, é ainda preciso considerar que, na vida real, é comum que pessoas que experienciam abusos sexuais ajam de formas consideradas como perturbadoras e que tenham descargas emocionais que podem parecer desproporcionais ou inadequadas para algumas pessoas. Sendo assim, talvez *Justiça* tenha errado ao não deixar isso claro.

O sexto mito (“estupro é algo trivial”) é algo não reforçado por *Justiça*. Podemos ainda dizer que há um esforço de desconstrução na medida em que vemos o quanto Débora foi afetada pelo estupro.

O último dos mitos reforça, de forma geral, a noção de estupro como um evento desviante. Destacamos dois aspectos desse mito. O primeiro deles diz respeito à representação do estupro, a ideia de que apenas homens doentes (sociopatas) são capazes de estupro, aqui, novamente, a série parece ter sido cautelosa, mostrando, como já apontamos, Oswaldo como um homem frio, calculista, que tem amigos, se relaciona bem com outras pessoas. Isso é ainda confirmando na trama exibida nas terças feiras, na qual o irmão de Oswaldo, Firmino, conta à namorada sobre o irmão “Oswaldo

<sup>14</sup> *Ligações Perigosas* é uma minissérie brasileira produzida e exibida pela Rede Globo de 4 a 15 de janeiro de 2016, em 10 capítulos. Inspirada no clássico da literatura francesa *As Ligações Perigosas* de Choderlos de Laclos, foi escrita por Manuela Dias, com a colaboração de Maria Helena Nascimento e Walter Daguerre.

não é gente boa não”, ele relata que o irmão estuprou pela primeira vez quando ainda era menor de idade e que foi solto depois de pouco tempo, mas que voltou a praticar o crime e nunca foi pego pela polícia, ela abomina os atos do irmão dizendo que é uma questão de caráter. O segundo aspecto é a ideia de que os estupros são cometidos por pessoas desconhecidas que atacam as vítimas nas ruas, quando, na verdade, segundo o Sinan (Sistema de Agravos de Notificação), em 70% dos casos, o estupro é cometido por alguém conhecido da vítima. 11,8% dos casos, o agressor é o pai; 12,3%, o padrasto; 7,1%, namorado; por fim, 32,2% amigo. *Justiça* não foge à regra e também reforça esse mito.

## CONCLUSÕES

Nos propomos neste artigo a analisar o modo como os mitos do estupro podem ser reforçados ou desconstruídos com base na representação televisiva. Enquanto na vida real as pessoas que sobrevivem a ataques sexuais são desencorajadas de compartilhar suas histórias, seja por estigma, retaliação ou descrença, na ficção os estupros são narrativas frequentes, como já pontuamos no decorrer desse artigo. Em um mundo ideal, as representações do estupro deveriam nos ajudar a falar sobre o assunto, deveriam oferecer suporte às vítimas, deixar claro que elas não devem ser responsabilizadas pelo que aconteceu. Em vez disso, muitas vezes, as representações – a falta de cuidado nas mesmas – fazem mais mal do que bem. Elas podem fazer com que as imagens coletivas, as interpretações que fazemos sobre o estupro sejam distorcidas da realidade. Essas representações, como nos diversos exemplos que demos (*Game of Thrones*, *2 Brooke Girls*, *30 Rock*, etc) podem reforçar mitos relacionados à cultura do estupro.

Nesse estudo nos interessou analisar o modo como a *Justiça*, assim como *Switched at a Brith*, apresenta uma representação do estupro que tem acertos consideráveis. Ambas contam a história do ponto de vista da vítima, além disso, elas são protagonistas, donas de suas narrativas.

Enquanto *Switched at a Brith* não explicita a cena de estupro, *Justiça* apresenta a cena duas vezes e a descreve uma. E embora esse seja um ataque extremamente gráfico e que impactou os telespectadores, pesa a seu favor o fato de que não há erotização, ou romantização, mesmo do ponto de vista do estupro. Apontamos aqui ainda outra questão: a exibição da cena não está ali apenas com a função de chocar, a história não se

move em outras direções, o plot principal é o estupro e assim continua, o que não torna essa uma representação sem sentido. É uma cena realística que tende a influenciar o público positivamente, chamar atenção para a cultura do estupro. É importante lembrar que mesmo que as cenas de estupro sejam extremamente difíceis de assistir, eles também servem – quando comprometidas com a desconstrução dos mitos da cultura do estupro - como um lembrete importante de que a agressão sexual nunca é culpa da vítima, e que o consentimento é sempre essencial.

Entre os sete mitos do estupro analisados (Ela pediu por isso; Não foi de fato um estupro; Ele não teve a intenção de fazer isso; Ela queria; Ela está mentindo; Estupro é algo trivial; Estupro é um evento desviante) Justiça reforça apenas dois e apenas de forma parcial, já que alguns desses mitos colocam em jogo fatores representacionais diferentes. Há um pequeno espaço para interpretações de culpabilização (ela pediu por isso) e ainda sobre a questão do estupro como evento desviante, embora a escolha do roteiro de mostrar um estuprador desconhecido seja viável e até mesmo condizente com o cenário. Diferente da maioria das representações feitas pela Rede Globo sobre estupro, Justiça merece destaque por conseguir abordar essa temática de uma forma que fez com que as pessoas se sensibilizassem e conversassem sobre a cultura do estupro.

Outro mito não citado envolve a questão do comportamento das vítimas de estupro. Enquanto um mito diz que as vítimas devem parecer abaladas e chocadas, e determina um certo modo de agir, Débora oscila entre humores e atitudes, o que é interessante porque mostra que não existe uma reação “certa” ou “perfeita” que se deve esperar de uma vítima de estupro, embora tenha abrigo espaço para que as pessoas interpretassem a personagem como louca/desequilibrada. Ainda assim, entre as quatro narrativas de *Justiça*, a história de Débora foi a que teve um final mais aceito pela audiência<sup>15</sup>.

## REFERÊNCIAS

AHLF, Chloe. **“She’s dead – wrapped in plastic”**: Unwrapping Rape Culture in *Twin Peaks*. Tese de doutorado, 2013.

BRINSON, Lorene. **TV Rape: The Representation of Rape in Prime-time Television Dramas**. University of Missouri-Columbia, 1990.

---

<sup>15</sup> Informação baseada em análises feitas para autora para outras pesquisas que analisam a atitude dos telespectadores em torno da telenovela no Twitter. Publicação ainda em avaliação para publicação.

BUCHWALD, E., FLETCHER, P., & ROTH, M. **Transforming a rape culture**. Minneapolis: Milkweed Editions, 2005.

CUKLANZ, Lisa M. **Rape on Prime time**: television, masculinity, and sexual violence. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1999.

DWORKIN, Andrea. Talking to Men About Rape," In Out!, Vol. 2, No. 6, April 1984.

FARIA, Maria; FERNANDES, Danubia. Representação da identidade negra na telenovela brasileira. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2007.

FAIRCLOUGH, Normam. **Discurso e mudança social**. Brasília: Ed. UnB, 2001.

FINLEY, Laura. **Domestic Abuse and Sexual Assault in Popular Culture**. California: Praeger, 2016

GRUBB, Amy; TURNER, Emily. Attribution of blame in rape cases: A review of the impact of rape myth acceptance, gender role conformity and substance use on victim blaming. *Aggression and Violent Behavior*. V.17, 5. P.443-452

HALL, Stuart. **Representação e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

Harding, Kate. **Asking for It**: The Alarming Rise of Rape Culture—and What We Can Do About It. Boston: Da Capo Lifelong Books, 2015

LARA, Bruna. et. al. **#MeuAmigoSecreto**: Feminismo Além das redes. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2006

PAYNE, Diana L.; LONSWAY, Kimberly A.; FITZGERALD, Louise F. Rape myth acceptance: Exploration of its structure and its measurement using the Illinois Rape Myth Acceptance Scale. In: *Journal of Research in Personality*, Vol 33(1), Mar 1999, 27-68

RODRIGUES, Edvaldo; MENEZES, Maria Eduarda. BANDEIRA, Àlamo. *Mulheres na geladeira: A vulnerabilidade das super-heroínas no universo das histórias em quadrinhos*. **Anais Intercom**. Rio de Janeiro, 2016.